

UM MODELO FUNCIONALISTA PARA A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Margarete Schlatter

Docente de Universidade Federal de Santa Maria e
mestranda no Curso de Pós-Graduação em
Linguística e Letras da PUCRS

1 – INTRODUÇÃO

Apesar de vários estudos recentes no campo da semântica, pragmática, análise do discurso, psico e sociolingüística, ainda não há uma resposta definitiva para a questão de como um indivíduo adquire a gramática de uma língua. Em função disso, existe a necessidade de ampliar as pesquisas sobre a semântica e as funções da linguagem, para tentar entender a influência de fatores semânticos e pragmáticos na descoberta e no uso das formas gramaticais de uma língua.

Segundo Bates & MacWhinney (1981), uma forma de alcançar este objetivo é através da elaboração de uma **gramática de desempenho**, ou seja, uma teoria capaz de unir as estratégias de processamento pragmáticas, semânticas e perceptuais usadas por adultos e crianças a fim de compreender e produzir enunciados, dentro e fora de um contexto de discurso. Tal gramática enfocaria não só o fato de uma língua ou um determinado indivíduo possuir uma determinada regra gramatical, mas, também, como este indivíduo adquire esta informação gramatical ao longo do tempo.

Na aquisição da primeira língua, as inúmeras e variadas propriedades discursivas da sintaxe podem ser adquiridas gradativamente. Os diferentes níveis de complexidade lingüística aparecem à medida que a criança se desenvolve mental e lingüisticamente, buscando novas formas lingüísticas que satisfaçam suas necessidades comunicativas. O adulto que está adquirindo uma segunda língua já internalizou todas as funções discursivas expressas pela gra-

mática, portanto a carga de mensagem, ou a pressão comunicativa, sobre ele é bem maior do que sobre uma criança. As pesquisas sobre as estratégias de processamento pragmáticas, semânticas e perceptuais usadas na aquisição de uma segunda língua podem ajudar a entender como os adultos agem em relação às formas e funções gramaticais, que neste caso provém de duas línguas e passam a competir na mente do indivíduo.

Usando o método de comparação interlingüística, Bates & MacWhinney tentaram elaborar uma gramática de desempenho que pudesse resolver a questão da integração rápida e simultânea de vários aspectos de discurso durante a compreensão e a produção de enunciados, a qual chamaram de **modelo de competição**. Este modelo enfatiza as estratégias de processamento usadas na aquisição de uma língua e a comparação interlingüística, baseando-se em uma gramática funcional, isto é, pressupõe que as estruturas superficiais de línguas naturais são criadas, controladas, limitadas, adquiridas e usadas para desempenhar as funções comunicativas desejadas por um indivíduo.

Considerando que a abordagem da aquisição de uma língua sob uma perspectiva funcionalista é relativamente recente e que o modelo de competição proposto por Bates & MacWhinney ainda está em desenvolvimento, a literatura encontrada sobre o assunto é bastante escassa. No entanto, as pesquisas feitas até o momento chegam a conclusões de grande importância no campo da aquisição de uma segunda língua, especialmente no que se refere a interferências que possam ocorrer da primeira para a segunda língua e que não podem ser explicadas pelas teorias de transferência tradicionais. Visando, portanto, mostrar um novo enfoque da aquisição de uma língua, este artigo se propõe a apresentar os princípios básicos do modelo de competição até agora analisados, seus pressupostos teóricos, e discutir, a partir de alguns experimentos já feitos nesta área, a importância deste modelo para os estudos sobre a aquisição de uma segunda língua e o seu ensino.

2 – PRESSUPOSTOS DE UMA TEORIA FUNCIONALISTA

As pesquisas feitas por Bates & MacWhinney se baseiam principalmente nos estudos de Givón (1979) que, ao relacionar o discurso com a sintaxe, conclui que a pragmática do discurso desem-

penha um papel decisivo na explicação da gramática de uma língua. Em outras palavras, a sintaxe existe para desempenhar funções comunicativas e não por ser inata. Givón se opõe à abordagem gerativa transformacional ortodoxa de uma sintaxe autônoma. Segundo o lingüista, tal sintaxe teria surgido a partir de dados limitados e artificiais, e não explica as razões ontológicas da gramática de uma língua. De acordo com Givón, a sintaxe deve ser analisada como um artefato complexo que surge através da interação de vários princípios comunicativos e estratégias de processamento. Supondo que estes princípios e estratégias, bem como a interação entre eles, são estáveis, este artefato também se torna estável. Em suma, a sintaxe existe como uma forma de comunicação lingüística e apresenta propriedades estruturais extremamente específicas. Ela somente poderá ser compreendida e explicada através de sua evolução, a partir do discurso, e através dos parâmetros e princípios comunicativos que controlam tanto a sua origem pragmática, quanto o seu uso seletivo nos diferentes registros da comunicação humana.

A partir destas idéias, Bates & MacWhinney (1982) distinguem pelo menos quatro pressupostos funcionalistas: (1) a correlação diacrônica entre forma e função; (2) a correlação sincrônica entre forma e função; (3) o uso destas correlações de forma e função na aquisição da linguagem pela criança e (4) uma abordagem funcional da gramática, ou sistema de representação, que age como mediadora na relação entre forma e função.

2.1 – Correlação diacrônica

De acordo com este pressuposto, as formas lingüísticas estão historicamente associadas a uma ou mais funções comunicativas, de uma maneira causal. Seria uma forma de Darwinismo lingüístico, isto é, uma língua se configura como tal por motivos funcionais ou de adaptação.

2.2 – Correlação sincrônica

De acordo com este pressuposto, as formas lingüísticas estão associadas, de uma maneira causal, a uma ou mais funções comu-

nicativas no processo lingüístico atual. Sob este ponto de vista, as pressões funcionais que influenciaram uma determinada língua durante a sua evolução, dando origem a certas estruturas superficiais, continuam operando na comunicação diária. Talvez ainda se aplique a concordância entre sujeito e verbo, por exemplo, para marcar duplamente o tópico (posição pré-verbal e concordância, em línguas com a ordem sujeito-verbo-objeto) e para evitar ambigüidades. Caso esta estrutura gramatical não existisse, provavelmente os falantes inventariam algo semelhante, ou seja, pressupõe-se que a maioria das estruturas superficiais nunca se torna completamente autônoma sob o ponto de vista funcional.

2.3 – Aquisição

De acordo com o pressuposto de aquisição, a correlação entre forma e função é tal que permite a aquisição ou a descoberta de estruturas superficiais sem quaisquer outras indicações lingüísticas. Para que isto seja viável, é necessário mostrar, em primeiro lugar, que uma determinada função é incorporada ao repertório da criança antes de ela adquirir a forma equivalente. Em segundo lugar, é necessário mostrar que a forma foi adquirida na tentativa de resolver o referido problema comunicativo.

A este respeito, pesquisas recentes (ver Ochs, 1979; Givón, 1979; Keenan, Ochs & Schieffelin, 1976; Slobin, 1973) mostram que inicialmente a criança adquire um sistema comunicativo, cujas características fundamentais se assemelham a um modelo pragmático (p. ex. a transmissão dos enunciados é lenta, a função tópico prevalece sobre o sujeito, a ordem das palavras é na maioria das vezes pragmática, os contornos de entoação são usados para marcar informações novas). Gradativamente, a criança vai mudando este sistema inicial, totalmente pragmático, e adquirindo o modelo sintático. No entanto, o aspecto pragmático não se perde: o adulto é capaz de dominar um sistema que abrange desde o extremo pragmático até o extremo sintático.

2.4 – Competência do adulto

De acordo com este pressuposto, a gramática ou o sistema de representação, que age como mediador da interação entre forma e

função, pode ser descrito extensivamente em termos de categorias funcionais naturais e limitações de desempenho. Sob este ponto de vista, a gramática abstrata ou puramente formal aparece como um epifenômeno dos processos naturais, ou seja, apesar de determinados tipos de modelos lingüísticos abstratos poderem descrever enunciados, eles não descrevem o conhecimento implícito e/ou as operações mentais no processamento de enunciados. Uma verdadeira descrição psicológica de uma língua pode e deve ser colocada inteiramente em termos de categorias cognitivas e processo de discurso, sem símbolos adicionais.

3 – O MODELO DE COMPETIÇÃO

A tentativa de unir estes quatro pressupostos funcionalistas originou o que Bates & MacWhinney chamaram de modelo de competição das relações entre forma e função. O modelo de competição é uma gramática de desempenho e afirma que as formas das línguas naturais são criadas, controladas, adquiridas e usadas para desempenhar funções comunicativas. Para uma compreensão melhor desta gramática, seguem-se os princípios básicos do modelo abordados até agora.

3.1 – Limitações do canal

Os recursos do canal acústico e articulatorio para o mapeamento de significado são limitados por dois aspectos: (1) somente são possíveis quatro tipos de sinais: itens lexicais, padrões de ordem de palavras, marcações morfológicas e contornos de entoação; e (2) as interações destes sinais são limitadas ainda por uma série de fatores perceptuais-mnemônicos-articulatorios, que juntos influirão na escolha das estruturas superficiais. Os recursos do canal acústico-articulatorio são tão limitados que as categorias funcionais (p. ex. agente e tópico) passam a competir pelos recursos gramaticais superficiais. Quanto maior a importância de uma categoria (i. e. muito freqüente, grande valor informativo), maior é a exigência sobre os recursos do canal.

3.2 – Pressões de informação sobre o canal

Os significados que qualquer indivíduo possa desejar transmitir são infinitos. Além disso, em uma determinada situação comunicativa, o mesmo referente pode desempenhar vários papéis comunicativos. Em um artigo mais recente, MacWhinney, Bates & Kliegl (1984) se referem a este princípio como o de multiplicidade de mapeamento de forma-função, isto é, em línguas naturais, o mapeamento de uma única forma em uma única função é bastante raro. Na verdade, as línguas se utilizam muito de polissemia, produzindo, deste modo, sistemas gramaticais nos quais uma única forma pode ser mapeada em várias funções e uma única função pode ser mapeada em diversas formas.

3.3 – Dois tipos de solução

Para resolver esta competição causada pelos dois primeiros princípios apresentados existem duas soluções possíveis: o mapeamento direto e a sobreposição. A solução de mapeamento direto pressupõe que há somente dois níveis de processamento especificados no modelo: um nível funcional (onde estão representados todos os significados e as intenções a serem expressas em um ato ilocutório) e um nível formal (onde estão representadas as estruturas de superfície apropriadas para uma determinada configuração de significado ou intenção). Neste caso, o mapeamento entre os níveis formal e funcional é visto como sendo direto: uma função para uma forma. A solução de sobreposição é, ao contrário da anterior, um mapeamento de "muitos-para-um". Esta solução reflete certas irregularidades estatísticas do discurso, nas quais dois papéis diferentes são compartilhados pelo mesmo elemento em diversas oportunidades (p. ex. agente + tópico + sujeito). A partir desta constatação, uma língua pode resolver abdicar de dois mapeamentos diferentes quando um é suficiente na maioria das vezes.

O princípio de sobreposição está associado a um modelo de protótipos responsável pela descrição das categorias gramaticais em questão. O mapeamento entre forma e função reflete o fato de que alguns elementos tendem a se juntar naturalmente. As funções de agente e tópico, por exemplo, são prototipicamente mapeadas no conjunto de mecanismos que constitui o sujeito de um enuncia-

do. Isto é, um conjunto de funções é mapeado em um conjunto de formas. Apesar das línguas mostrarem uma preferência por conjuntos, pode ocorrer que as funções que prototipicamente permanecem unidas sejam separadas e atribuídas a itens diferentes. Isto pode acontecer, por exemplo, quando se deseja topicalizar "a bola" apesar do fato de "João" tê-la jogado. Em tais casos, a gramática deve determinar qual dos dois elementos deve "vencer" o acesso ao mecanismo de posicionamento pré-verbal, que nas línguas SVO pertence ao sujeito. Ao mesmo tempo, a gramática deve possuir um mapeamento disponível para o item que for o "perdedor" na competição. No exemplo citado, caso o tópico vencer, o agente deve ser colocado em uma construção passiva.

3.4 – Convencionalização

As pesquisas sobre o aprendizado humano estão baseadas na premissa de que se a solução encontrada para um problema obtiver êxito, ela será aplicada novamente mesmo nos casos em que se apresentar um pouco aquém da solução ideal. Além disso, os comportamentos aprendidos pelo ser humano tendem a ser estereotipados, ao passo que os elementos que não forem essenciais à solução original são eliminados. À medida que os indivíduos sentem a necessidade de prever o comportamento uns dos outros, haverá uma pressão constante à convencionalização e à formação de estereótipos.

Aplicando o princípio de convencionalização ao surgimento de uma gramática, parece evidente que as línguas procuram por uma solução em termos de uma comunidade lingüística para tentar resolver as limitações da comunicação. Em um certo momento durante o processamento lingüístico, o conjunto de mapeamentos, que constitui a solução "comunitária", pode estar aquém da solução ideal para um determinado indivíduo. Entretanto, ele se sente obrigado a adotá-la apesar de esta escolha poder acarretar uma certa perda em relação à eficácia do processamento, ou seja, a compreensão do ouvinte pode ficar prejudicada. A natureza convencional da linguagem impõe um conservadorismo inerente à mudança de uma língua sob pressões funcionais. Qualquer mudança que ocorre, como resposta a limitações funcionais vividas por indivíduos, deve ocorrer em todo o grupo que utiliza a língua em questão.

3.5 – Desequilíbrio

É improvável que qualquer solução apresente o ajuste ideal entre forma e função para todos os membros do grupo. Por conseguinte, as línguas estão sempre sofrendo um certo desequilíbrio e ajustamento. Considerando que as mudanças acontecem gradativamente através do tempo (envolvendo ajustamentos mútuos de vários indivíduos), um "conserto" ou ajuste do sistema em um setor pode ter repercussões no restante do sistema, que não se tornam evidentes até que a mudança inicial já esteja ocorrendo.

3.6 – Irregularidades

A mudança gradativa de um conjunto de soluções para outro significará que, em momentos de transição, algumas convenções terão perdido suas bases motivadoras iniciais. A longo prazo, estas irregularidades deveriam tornar-se os elementos mais vulneráveis do sistema e assim dar lugar a outras formas de mapeamento melhor embasadas.

Em um artigo mais recente MacWhinney, Bates & Kliegl (1984) especificam mais detalhadamente alguns princípios do modelo. Por competição entende-se que o modelo assume um controle dinâmico do mapeamento de uma forma em uma função na compreensão, e de uma função em uma forma na produção. Este mapeamento é controlado por um sistema de ativação paralela, cujas decisões em relação aos possíveis conflitos são baseadas em uma importância relativa atribuída às ligações entre uma função e uma estrutura superficial por falantes de uma determinada língua.

A noção da importância relativa de um marcador afirma que no conjunto de mapeamentos de várias formas em várias funções, a cada ligação entre uma forma e uma função é atribuída um determinado peso ou importância. Esta importância pode ser determinada por tendências probabilísticas ou regras definidas. As regras e mapeamentos que acabam por se tornar completamente definidos podem ser considerados um padrão e provavelmente serão aplicados em condições semelhantes.

Esta visão de regras definidas como uma padronização de tendências apresenta certas vantagens para a descrição dos está-

gios de aquisição de uma língua, de erros de fala de crianças e adultos e de vários aspectos relacionados à mudança de uma língua. Contrário a modelos de mudanças lingüísticas mais deterministas, nos quais as regras existem ou não, o modelo de competição permite que as regras ou convenções apareçam gradativamente, através de um aumento contínuo da força que determina os mapeamentos probabilísticos de forma-função.

A importância relativa de um marcador em uma determinada língua é o reflexo de sua validade relativa nesta língua. De acordo com este pressuposto, pode-se analisar um conjunto de mapeamentos forma-função, calcular a sua validade relativa, e usar esta informação para prever a ordem de aquisição e o uso relativo de um marcador no processamento de um adulto. Para que isto seja viável, torna-se necessário definir de uma forma mais objetiva a validade de um marcador, através de sua aplicabilidade e confiabilidade. Para a compreensão de enunciados, um marcador será considerado de grande aplicabilidade se estiver disponível sempre que um indivíduo precisar dele, e confiável, quando não for ambíguo ou não causar mal-entendidos.

Existem vários experimentos baseados neste modelo (ver MacWhinney & Bates, 1978; Bates & MacWhinney, 1981, 1982; Bates, McNew, MacWhinney, Devescovi & Smith, 1982; MacWhinney, 1983; Bates, 1976), entre os quais um dos mais recentes — MacWhinney, Bates & Kliegl (1984) — avalia o valor de um marcador na interpretação de enunciados.

Nesta pesquisa, os lingüistas testam a hipótese de que a validade de um marcador é o que determina o seu valor e, conseqüentemente, a interpretação atribuída aos enunciados. O experimento incluía cinco variáveis independentes: línguas (inglês, italiano e alemão), ordem de palavras (NVN, VNN e NNV), animação (primeiro nome animado e segundo nome animado, primeiro nome animado e segundo nome inanimado, primeiro nome inanimado e segundo nome animado), ênfase (ênfase neutra, ênfase no primeiro nome e ênfase no segundo nome), e concordância (concordância ambígua, concordância verbal com o primeiro nome e concordância verbal com o segundo nome).

Os 60 sujeitos (20 falantes de cada língua) foram testados individualmente por falantes nativos das respectivas línguas. As instruções e os 81 enunciados-teste eram lidos para cada sujeito separadamente. Aos sujeitos pedia-se para interpretar os enunciados

indicando qual dos dois nomes era o sujeito, isto é, "quem fez a ação". De acordo com os pressupostos do modelo de competição, os lingüistas esperavam que a proporção de uso de um determinado marcador para a escolha do sujeito, em qualquer uma destas línguas, deveria ser um reflexo direto de sua disponibilidade e de sua confiabilidade.

Os resultados confirmam a hipótese, ou seja:

O marcador de maior validade para a atribuição de sujeito em inglês é a ordem de palavras. Com uma consistência surpreendente, o agente em uma frase transitiva é colocado diretamente antes do verbo e o objeto é colocado depois do verbo. Nenhum outro marcador em inglês se assemelha a este em termos de disponibilidade e confiabilidade. Os resultados deste experimento indicam, portanto, que os falantes nativos de inglês utilizam este marcador de grande validade extensivamente. Apesar da concordância ser um marcador disponível na língua inglesa, a sua pouca confiabilidade leva os falantes de inglês prestar-lhe pouca atenção, como foi previsto.

O marcador de maior validade para a atribuição de sujeito em italiano é a concordância verbal. O fato de que italiano, ao contrário de inglês e alemão, é extremamente tolerante à omissão do sujeito da frase significa que seguidamente o único marcador importante para a recuperação da identidade do sujeito é a concordância verbal. Apesar do marcador de concordância estar sempre disponível, às vezes ele não é confiável, particularmente em frases transitivas com dois substantivos. Em tais casos, para interpretar os enunciados, os italianos são forçados a confiar na animação, em alguns agrupamentos de ordem de palavras e na ênfase. Como foi previsto, italianos e alemães utilizaram-se da ênfase somente em combinação com padrões específicos de ordem de palavras. Em nenhuma das duas línguas a ênfase apareceu como um marcador importante, mas em ambas foi mais importante do que em inglês.

O marcador de maior validade para a atribuição do sujeito em alemão é a marcação de casos. Apesar de aparecer com uma grande frequência, este marcador é seguidamente ambíguo e por isso não confiável. Quando a marcação de casos é ambígua, os alemães se orientam por uma série de outros marcadores. Primeiro, apesar de haver um conjunto bastante complexo de variações na ordem de palavras, na maioria das vezes o primeiro substantivo

é o sujeito/agente. Os contrastes de concordância também se aplicam, apesar do sistema de concordância em alemão ser menos claro do que o seu equivalente em italiano. Portanto, os alemães se apegam mais à animação do que à concordância, ao contrário dos italianos. Como os italianos, os alemães não têm um único marcador do qual possam depender de uma maneira uniforme. O conjunto de elementos do qual eles aparentemente dependem envolve primeiramente decisões "locais".

4 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MODELO DE COMPETIÇÃO EM RELAÇÃO AOS PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS E AS SUAS LIMITAÇÕES

Os princípios do modelo de competição abordados acima estão implícitos em várias pesquisas funcionalistas recentes sobre lingüística diacrônica. Contudo, os conceitos de convencionalização e de irregularidade não são previstos pela teoria funcionalista no que diz respeito aos pressupostos de sincronia, aquisição e competência do adulto. Se as línguas temporariamente retêm irregularidades, a afirmação de que os indivíduos usam estruturas superficiais por razões funcionais nem sempre pode ser considerada verdadeira. Neste caso, as irregularidades de uma língua podem ser melhor explicadas em termos de convenções do que em termos de uma teoria funcionalista. E caso haja determinadas estruturas superficiais que não possuem nenhuma base funcional clara, é improvável que as crianças usem informações funcionais para adquirir estas estruturas. Finalmente, é provável que um modelo do conhecimento gramatical de um indivíduo exija alguns símbolos ou categorias formais ad hoc para dar conta dos fatos superficiais que temporariamente tenham perdido a sua base comunicativa.

Dentro do modelo de competição, portanto, os princípios de convencionalização e de irregularidade existem para explicar as exceções de um sistema puramente funcional. Caso possuam qualquer valor explanatório real, estes princípios não podem ser aplicados aleatoriamente. Simplesmente rotular como "irregular" qualquer fenômeno lingüístico que não se consiga explicar em termos funcionais, ocasionaria o esvaziamento do conceito de irregularidade.

Um modelo de competição completo de relações entre forma e função deve incluir uma teoria de irregularidades que seja capaz de prever onde tais casos possam ocorrer em uma determinada língua, e como estas irregularidades são adquiridas pela criança e memorizadas pelo adulto.

Bates & MacWhinney acreditam que uma articulação completa do modelo funcionalista deve ser baseada nos princípios do modelo de competição. Mas exatamente como estes princípios se inter-relacionam e como eles devem ser melhor especificados é uma tarefa para pesquisas futuras. Parece, no entanto, que a abordagem funcionalista de aquisição e do uso da gramática está bem fundamentada quanto às noções de diacronia, sincronia e aquisição. Se os fatos que fundamentam estas noções podem ser transformados em uma gramática funcionalista em termos da competência do adulto, ainda é uma questão a ser analisada.

5 — IMPLICAÇÕES DO MODELO DE COMPETIÇÃO PARA A AQUISIÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA

Apesar de existirem várias pesquisas na área de transferência e interferência da primeira língua na aquisição de uma segunda língua, estes estudos se limitam a análises contrastivas ou análises de erros em um nível mais superficial das línguas em questão. Pode ocorrer, no entanto, que o discurso de um aprendiz de uma segunda língua, apesar de ser fluente e não apresentar erros gramaticais aparentes, soe "estranho". Ele pode estar transferindo estruturas da L1 para a L2, gramaticalmente corretas na L2, mas pouco frequentes a nível de discurso. Através de um experimento de compreensão de enunciados feito com italianos e alemães falantes de inglês como L2, Bates & MacWhinney (1981) puderam constatar que existe uma transferência de estratégias de processamento da L1 para a L2. Grande parte dos bilíngües testados estavam usando estratégias de processamento de sua L1 para interpretar os enunciados em inglês. Mesmo não havendo ainda resultados definitivos quanto à transferência de estratégias de processamento da L1 para a L2 a nível de produção de enunciados, pode-se prever que isto também ocorra. Em suma, apesar de alguns estudiosos afirmarem que os indícios de transferência e interferência da L1 para a L2 são surpreendentemente poucos, isto provavelmente se

deve a uma visão limitada da gramática e à procura de exemplos bem definidos de erros gramaticais, substituição lexical, etc. Uma transferência a nível mais profundo, isto é, a nível de estratégias de processamento, não é captada ou explicada pelas teorias tradicionais.

Os experimentos baseados no modelo de competição, no entanto, parecem captar estas estratégias, tornando a transferência e os estágios de aquisição de uma segunda língua mais evidentes. Bates & MacWhinney sugerem que as diferenças neste nível de processamento podem ser responsáveis por dificuldades que os aprendizes de uma segunda língua têm em relação à estrutura gramatical, à semântica e à estilística desta língua. Se isto realmente ocorre, a aquisição das estratégias de processamento em uma L2 deveria fazer parte do processo de aperfeiçoamento dos níveis pragmático, semântico e de discurso que geralmente aparecem como a última barreira para o domínio de uma segunda língua.

Baseado no experimento de MacWhinney, Bates & Kliegl (1984) com norte-americanos, alemães e italianos, no qual os sujeitos determinavam o agente da ação apresentada no enunciado, é interessante observar até que ponto três línguas relativamente semelhantes estruturalmente reagiram de formas diferentes no processamento de enunciados bastante simples. A partir desta constatação, pode-se sugerir que os diferentes "pesos" atribuídos a diferentes marcadores em línguas diversas pode ser uma das causas para mal-entendidos no contexto de uma segunda língua, seja este oral ou escrito.

Para haver uma comunicação real entre falante e ouvinte, ambos devem levar em conta tanto o conhecimento lingüístico um do outro como também o pragmático. Segundo Tannen (1984), o conhecimento pragmático envolve, entre outras coisas, saber o que falar, quando falar, o significado das pausas, da entoação, o uso da forma direta ou indireta. O falante se preocupa em fazer com que o ouvinte compreenda o que ele quis dizer, ou seja, a intenção subjacente ao enunciado ou texto. Se, como foi constatado através dos experimentos baseados no modelo de competição, as estratégias de processamento para a compreensão e produção de enunciados difere de uma língua para a outra, pode-se prever que um determinado ouvinte não consiga compreender a intenção transmitida pelo falante. Isto sugere que o fato de os falantes de línguas diversas usarem estratégias de processamento diferentes deve ser

incluído nos itens pragmaticamente relevantes ao ato comunicativo.

De acordo com Slobin (1982) a língua evoca idéias, ela não as representa. A expressão lingüística não é, portanto, um mapeamento natural do pensamento, mas é extremamente seletiva e convencionalmente esquemática. Ao se usar uma língua, existe um princípio implícito de que grande parte da mensagem pode ser dispensada por causa de um entendimento mútuo entre o falante e o ouvinte. O conjunto de noções semânticas formalmente marcadas em uma determinada língua serve muito mais para guiar o ouvinte aos segmentos e categorias de análise apropriados do que para representar as respectivas noções subjacentes por completo. A tarefa de uma criança adquirindo uma língua seria a de determinar qual o conjunto de noções é marcado formalmente na língua em questão, e de descobrir a maneira de projetar estas noções em enunciados.

Baseado em pesquisas interlingüísticas, Slobin conclui que as línguas divergem no que se refere ao mapeamento destas noções, isto é, as línguas apresentam estruturas superficiais diferentes para codificar as intenções de um falante. Parece, por conseguinte, que os sistemas de mapeamento devem ser adquiridos para cada língua separadamente. Desse modo, para avaliar até que ponto estas diferenças interferem na aquisição de uma segunda língua, uma análise em termos pragmáticos com base em um modelo de competição parece ser mais apropriada. Através deste modelo talvez se chegasse também a conclusões mais precisas sobre a tipologia de diferentes línguas, entendendo melhor as estratégias de processamento usadas na compreensão e produção de enunciados e explicando o fato de alguns falantes valorizarem ou desprezarem determinados marcadores gramaticais.

Finalmente, em vista da possibilidade de se chegar a um nível de processamento mais profundo, responsável pela forma gramatical de um enunciado, talvez seja necessário rever alguns fatores lingüísticos considerados universais. Além de universais lingüísticos, pode-se falar sobre universalidade em um nível mais profundo, isto é, em termos de estratégias de processamento.

A medida que houver um maior número de pesquisas feitas a este nível, as implicações deste modelo de competição e a sua importância para os estudos na área de aquisição da primeira e da segunda língua provavelmente se tornarão bem mais evidentes.

6 – CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi apresentar o modelo de competição proposto por Bates & MacWhinney e avaliar a importância deste modelo na aquisição de uma segunda língua. Pretendeu-se mostrar que através da aplicação deste modelo talvez se possa examinar melhor as estratégias de processamento usadas por falantes de línguas diferentes e ver até que ponto as estratégias de uma língua interferem na compreensão e na produção de enunciados em uma segunda língua.

Parece que a diferença entre as línguas não está tanto no que pode ser dito, mas muito mais na maneira como são transmitidas as intenções do falante. Talvez um estudo mais aprofundado sobre as estratégias de processamento possa ser o elo de união entre as pesquisas sobre a aquisição de uma gramática e as pesquisas no campo da pragmática, semântica, estrutura do discurso e sócio-lingüística. As pesquisas nesta área, principalmente em termos interlingüísticos, são de extrema importância para uma melhor compreensão da maneira pela qual crianças e adultos agem perante formas e funções gramaticais.

Considerando as implicações do modelo de competição para a aquisição de uma língua, deve-se salientar a importância destes estudos para o ensino de uma língua estrangeira. O professor de uma segunda língua, ciente destes fatos, poderia ficar atento a possíveis transferências ou interferências a nível pragmático e alertar o seu aluno, para que ele possa compreender melhor as intenções do falante nativo desta língua. O ensino das estratégias de processamento em uma segunda língua deveria, portanto, ser incluído nos objetivos que visam o aperfeiçoamento de uma língua estrangeira. É através do ensino dos aspectos pragmáticos, semânticos e de discurso que se possibilitará ao aluno ter um domínio mais completo da língua que ele está aprendendo.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – BATES, E. *Language and context: Studies in the acquisition of pragmatics*. New York, Academic Press, 1976.
- 2 – BATES, E., MCNEW, S., MACWHINNEY, B., DEVESCOVI, A. & SMITH, S. Functional constraints on sentence processing: A cross-linguistic study. *Cognition*, 11: 245-99, 1982.

- 3 - BATES, E. & MACWHINNEY, B. Second language acquisition from a functionalist perspective: Pragmatic, semantic and perceptual strategies. In: WINITZ, H. (ed.) *Native language and foreign language acquisition*. New York, New York Academy of Sciences, 1981.
- 4 - ———. Functionalist approaches to grammar. In: WANNER, E. & GLEITMAN, L. (eds.). *Language acquisition: The state of the art*. New York, Cambridge Uni. Press, 1982.
- 5 - GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (ed.). *Syntax and semantics: Discourse and syntax*. New York, Academic Press, 1979. v. 12.
- 6 - KEENAN, E., OCHS, E., & SCHIEFFELIN, B. Topic as a discourse notion: A study of topic in the conversation of children and adults. In: LI, C. (ed.). *Subject and topic*. New York, Academic Press, 1976.
- 7 - MACWHINNEY, B. Devices for sharing point. In: SCHIEFFELBUSCH, R. (ed.). *Communicative competence: Acquisition and intervention*. Baltimore, Md, Uni. Park Press, 1983.
- 8 - MACWHINNEY, B. & BATES, E. Sentential devices for conveying givenness and newness: a cross-cultural developmental study. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 17: 539-58, 1978.
- 9 - MACWHINNEY, B., BATES, E. & KLIEGL, R. Cue validity and sentence interpretation in English, German and Italian. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 23: 127-50, 1984.
- 10 - OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (ed.). *Syntax and semantics: Discourse and syntax*. New York, Academic Press, 1979. v. 12.
- 11 - SLOBIN, D. Cognitive prerequisites for the acquisition of grammar. In: FERGUSON, C. A. & SLOBIN, D. (eds.). *Studies of child language development*. New York, Holt, Rinehart, and Winston, 1973.
- 12 - ———. Universal and particular in the acquisition of language. In: WANNER, E. & GLEITMAN, L. (eds.). *Language acquisition: The state of the art*. New York, Cambridge Uni. Press, 1982.
- 13 - TANNEN, D. The pragmatics of cross-cultural communication. *Applied Linguistics*, 5 (3): 189-95, 1984.